



---

## PULSÕES DE VIDA, PULSÕES DE MORTE E COMPULSÃO À REPETIÇÃO

Enio Clovis Vicentin<sup>1</sup>

Rogério Miranda de Almeida<sup>2</sup>

**RESUMO:** Estas reflexões têm por objetivo examinar a teoria das pulsões em Sigmund Freud e, mais especificamente, a reviravolta que ele operou, a partir de 1920, no que diz respeito às pulsões de vida e de morte. Nós nos baseamos principalmente em dois escritos do inventor da psicanálise: *Além do princípio de prazer* (1920) e *O mal-estar na civilização* (1929). Procuramos também fazer ressaltar a nítida diferença que Freud estabelece entre os conceitos de pulsão e instinto. O primeiro significa uma força constante que aspira a saciar-se pela representação ou simbolização, enquanto que o instinto se refere a um modelo de comportamento característico dos animais e dos seres humanos. Em 1920, a teoria das pulsões sofreu uma reviravolta, no sentido em que a oposição que antes ele fazia entre as pulsões sexuais e as pulsões do eu, ou de conservação, desloca-se agora para uma oposição mais radical e primordial, a saber, as pulsões de vida e as pulsões de morte. Ajunte-se que o conceito de compulsão à repetição está essencialmente ligado às pulsões de morte.

**PALAVRAS-CHAVE:** Freud; Pulsões; Pulsões de vida; Pulsões de morte; Compulsão à repetição.

Conforme avançamos no resumo, este artigo tentará explorar as questões relativas às pulsões e à compulsão à repetição que Freud desenvolveu ao longo de sua obra. De acordo com Jacques Lacan, a pulsão é, juntamente com o inconsciente, a repetição e a transferência, um dos conceitos básicos da psicanálise. Esta é a razão pela qual estes conceitos passaram por diferentes reinterpretações à medida que a própria experiência analítica, simultaneamente à experiência da escrita, se desenvolvia, se ampliava, se aprofundava e, conseqüentemente, se modificava. Convém também notar que a

---

<sup>1</sup> Enio Clovis Vicentin é licenciado em filosofia pela Faculdade São Basílio Magno (FASBAM) e graduando em Teologia pelo Claretiano – Centro Universitário. Este artigo foi elaborado a partir da monografia (TCC) orientada pelo Prof. Dr. Rogério Miranda de Almeida. E-mail: enioclovisvicentin@gmail.com

<sup>2</sup> Doutor em filosofia pela Universidade de Metz, doutor em teologia pela Universidade de Estrasburgo, professor de filosofia na Faculdade São Basílio Magno (FASBAM), professor de filosofia no programa de pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) e de teologia sistemática no Claretiano – Centro Universitário. E-mail: r.mirandaalmeida@gmail.com

repetição – e a compulsão à repetição em particular – não pode ser pensada senão nas suas relações essenciais com o universo pulsional. Esta última teoria começou a ocupar o espírito do inventor da psicanálise sobretudo a partir de 1914, com o texto intitulado: *Recordar, repetir e elaborar*.

Ora, o termo alemão *Trieb*, que em português se traduz por impulso, ímpeto, impulsão ou pulsão, foi utilizado, através de uma longa tradição, como sinônimo do termo erudito, de origem latina, instinto. Urge, porém, conforme o próprio Freud o fazia meticulosamente, e conforme mostraremos mais abaixo, efetuar uma nítida distinção entre um e outro. Esta acurada diferenciação que acentuava Freud foi sistematicamente negligenciada, tanto pela tradução inglesa da Standard Edition (James Strachey), quanto pela versão brasileira da Imago Editora, que nela se baseou tornando-se, de resto, mais deturpada e mais incompreensível ainda.

Para que possamos melhor entender a reviravolta que Freud introduzirá na sua teoria das pulsões a partir de 1920, faz-se necessário definir não somente o conceito de instinto e o conceito de pulsão, mas também o seu correlato, que é a compulsão à repetição. Esta última está intrinsecamente ligada à teoria das pulsões de vida e de morte que, como já antecipamos, é a culminação de um longo processo de intuições, de descobertas, de rupturas, de retomadas e reelaborações. Em que consistem, pois, os conceitos de pulsão e de instinto, e qual a diferença que intercorre entre eles?

### **1. A pulsão e o instinto**

De fato, faz-se primeiramente necessário introduzir um esclarecimento sobre o conceito de pulsão, que difere daquele de instinto. O termo pulsão é empregado quase que exclusivamente pela psicanálise, na medida em que a pulsão tem a ver com o desejo, o inconsciente e, conseqüentemente, com a linguagem. Importante aqui é mais uma vez ressaltar que, na tradução brasileira da Editora Imago – que não se serviu do original alemão, mas da corrompida, deturpada e lacunosa versão inglesa da Standard Edition –, a palavra *instinto* é empregada em lugar de *pulsão*. Segundo Rogério Miranda de Almeida, esta não diferenciação entre pulsão e instinto “foi responsável pelos mais crassos erros e pelas mais disparatadas leituras de Freud que se fizeram no Brasil e nos países anglófonos”.<sup>3</sup> Efetivamente, de acordo com Laplanche e Pontalis, o instinto é

---

<sup>3</sup> ALMEIDA, Rogério Miranda de. *Eros e Tânatos: A vida, a morte, o desejo*. São Paulo: Loyola, 2007, p. 273.

descrito, numa tradição que remonta bem além de Freud, nestes termos: “Esquema de comportamento herdado, próprio de uma espécie animal, pouco variando de indivíduo para indivíduo, desenrolando-se segundo uma sequência temporal pouco suscetível de perturbações e parecendo responder a uma finalidade”.<sup>4</sup>

O termo pulsão (*Trieb*) ganhou notoriedade, sobretudo, pela sua introdução e difusão no seio da psicanálise. Todavia, ele recorre igualmente em outras áreas do saber – como a biologia –, assim como na literatura romântica (Goethe) e em pensadores tais como Kant, Schopenhauer, Schelling, Nietzsche e outros. Em Freud, este conceito, conquanto relacionado com *Instinkt*, deve ser cuidadosamente diferenciado dele. De acordo com Laplanche e Pontalis, o emprego de *pulsion* na tradução francesa de Freud é satisfatório na medida em que ele evita o uso de outras palavras que não exprimem com exatidão o significado de *Trieb*. Seria, pois, errado traduzir a *pulsion* por *instinct* ou *tendance*. Ainda segundo Laplanche e Pontalis, o termo *Trieb* é de uso antigo e tem a sua própria raiz na cultura germânica. Ele significa impulso e, ainda, impulsão, mas não se trata de uma impulsão obedecendo a uma finalidade mais ou menos definida; não se trata tampouco de um esquema de comportamento mais ou menos fixo. Neste sentido, a noção de pressão, elasticidade e mobilidade que encerra o conceito de *Trieb* é mais importante que a ideia de fixidez em uma meta ou em um determinado objeto.<sup>5</sup> Nunca é, pois, demasiado repetir: nas obras de Freud, os termos *Instinkt* e *Trieb* têm sentidos distintos, porquanto o primeiro – na tradição e no uso comum – se refere a um comportamento animal e hereditário, pouco variando de espécie para espécie. Quanto à pulsão (*Trieb*), o que dela ressalta é ser uma força constante que requer, contínua e imperiosamente, ser satisfeita ou aplacada. Mas a sua saciedade só poderia realizar-se através da simbolização, da significação, ou da representação.

Foi nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) que Freud introduziu o termo *Trieb* e as distinções que ocorrem entre a fonte, o objeto e a meta da pulsão. Nesta mesma obra, Freud critica a noção comum que coloca a pulsão como algo ligado a uma meta e a um objeto específico; ele ataca também a ideia de que ela estaria totalmente localizada no aparelho genital. A sua interpretação é de que a pulsão tem, sim, um objeto e uma meta, mas este objeto e esta meta são variáveis, pois variável também é a constituição e a história do sujeito. Isto quer dizer que, além de suas fontes somáticas, o sujeito é também um sujeito da linguagem, isto é, da fala e, portanto, da

---

<sup>4</sup> LAPLANCHE, Jean/PONTALIS, J.-B. *Vocabulaire de la psychanalyse*. Paris: PUF, 1988, art.: Instinct.

<sup>5</sup> Cf. *ibid.*, art.: Pulsion.

falta, da incompletude e da insaciabilidade. Com relação ao termo pressão (*Drang*), este foi ajuntado à pulsão somente em 1915 e, mais precisamente, em *Pulsões e destino das pulsões*. Ficaram assim constituídas as quatro características da pulsão: a pressão, a meta, o objeto e a fonte.<sup>6</sup>

Feita esta distinção entre instinto e pulsão, convém enfatizar que o instinto, sendo um esquema de comportamento hereditário, é caracterizado como algo pouco modificável durante a evolução de uma determinada espécie. Consequentemente, a ação decorrente do instinto é diferente daquela que desenvolve a pulsão, que é variável, parcial, lábil e eternamente insaciável. Assim, ela se caracteriza, sobretudo, por ser uma *força constante* (*eine konstante Kraft*), e não um impacto momentâneo (*eine momentane Stosskraft*). Lacan observa que a função biológica, peculiar ao instinto, tem sempre um ritmo, uma escansão, ou um ciclo, enquanto que a especificidade da pulsão consiste justamente em ser uma força constante. Esta é a razão pela qual – acentua o autor dos *Escritos* – ela “não possui nem dia nem noite, nem primavera nem outono, nem subida nem descida”.<sup>7</sup>

Ora, além desta característica essencial que, em 1915, Freud introduz no universo pulsional, uma reviravolta estava em curso que logo mais, a partir de 1920, iria explicitar-se com o caráter fundamentalmente dual que, doravante, iria marcar as pulsões no seu radical entrelaçamento e no seu contínuo e sempre renovado repetir-se. Trata-se das pulsões de morte, ou do eu, e das pulsões de vida, ou propriamente sexuais.

## 2. Pulsões do eu e pulsões sexuais

O conceito de pulsões de vida, chamadas assim por Freud a partir de 1920, corresponde àquilo que ele denominava, nos primeiros escritos, pulsões sexuais. Já as pulsões de conservação, ou pulsões do eu, ele as designará, a partir da reviravolta de 1920, sob a expressão: pulsões de morte. Ajuntemos que as pulsões sexuais apontam também para a divindade grega Eros, figura mitológica que simbolizava a impulsão básica da natureza ou, em outros termos, o amor. Todavia, não se podem pensar as pulsões sexuais sem, ao mesmo tempo, fazer emergir à mente as pulsões do eu, ou de conservação. Esta é a razão pela qual, nesta seção, nós analisaremos ambas as pulsões.

---

<sup>6</sup> FREUD, Sigmund. *Triebe und Triebchicksale*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch, 2012, p. 85.

<sup>7</sup> LACAN, Jacques. *Le Séminaire, Livre XI, Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1973, p. 150.

Convém também notar que Freud, numa primeira teorização das pulsões, costumava contrapor as pulsões do eu às pulsões sexuais.

Com efeito, segundo o inventor da psicanálise, no início de suas especulações em torno do universo pulsional, as pulsões do eu lhe afiguravam como tendo por objetivo conservar o indivíduo, e não a espécie. De resto, a expressão “pulsões do eu” (*Ichtrieben*) foi introduzida por Freud num curto e denso tratado de 1910, intitulado: *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão*.<sup>8</sup> Porém, já desde os primeiros escritos e, mais especificamente, na obra *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), já se verificava de maneira indireta e, por assim dizer, latente, o conflito entre aquilo que mais tarde se chamarão de pulsões do eu, ou de autoconservação, e pulsões sexuais, ou pulsões de vida. No tratado de 1910, as “pulsões do eu” entram explicitamente em cena, mostrando ao mesmo tempo a luta, a tensão e o conflito que se desenrolam entre elas e as pulsões sexuais. Efetivamente, Freud sublinha de maneira categórica o significado que têm as pulsões para a vida representativa. Ele observa também que todas as pulsões aspiram a fazer-se valer na medida em que elas conferem vida às representações condicentes com os seus escopos. Todavia – enfatiza também o inventor da psicanálise –, não é sempre que estas pulsões estão de acordo entre si, pelo contrário, continuamente elas estão a conflitar umas com as outras, de sorte que as oposições e os contrastes das representações não senão expressões das lutas que as pulsões singulares travam entre si. É neste ponto que Freud acentua o “inegável contraste” existente entre as pulsões sexuais e as pulsões do eu: de um lado, se colocam as pulsões que estão a serviço da sexualidade na medida em que pugnam pela obtenção do prazer sexual; de outro lado, porém, se posicionam aquelas outras que têm em mira a autoconservação do indivíduo e, por isto, são denominadas “pulsões do eu”.

Freud entende que as pulsões do eu, no seu eterno conflito com as pulsões sexuais, não têm uma base psicológica, mas se assentam sobre um substrato biológico. Neste sentido, elas não atuam como forças motivadoras do recalque, pois o que proporciona este processo é a libido genital narcísica que, por sua vez, está ligada às pulsões sexuais. Em outros termos, as pulsões do eu não são responsáveis pelo recalque, visto que esta dinâmica está associada às pulsões sexuais. Quando, em 1914, Freud introduz a noção de narcisismo, ele não compromete de imediato a oposição entre pulsões do eu e pulsões sexuais, ao contrário, ele sugere que a libido pode ter tanto um objeto exterior,

---

<sup>8</sup> Cf. FREUD, Sigmund. *Die psychogene Sehstörung in psychoanalytischer Auffassung*. In *Gesammelte Werke (GW)*, 18 v. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch, 1999, VIII, pp. 97-98.

chamado de libido objetal, como também um objeto interior, ou seja, ela pode igualmente voltar-se para o próprio eu e, assim, ser chamada de libido do eu ou libido narcísica.

A teoria da libido, no que diz respeito à libido objetal e à libido narcísica, levou Freud a incorrer no risco de permanecer num monismo em virtude, justamente, da ênfase dada à libido do ego. Esta é a fase em que o inventor da psicanálise ainda se encontrava sob a influência de Jung, cuja ruptura estava na iminência de acontecer. Efetivamente, a dualidade radical deveria concretizar-se na obra *Além do princípio do prazer*, onde Freud chamará as pulsões de autoconservação, ou do eu, de pulsões de morte, enquanto que as pulsões sexuais propriamente ditas, ele as denominará pulsões de vida. Há, pois, nesta reviravolta algo desconcertante e intrigante, na medida em que o inventor da psicanálise assimilará as pulsões de conservação às pulsões de morte, pulsões estas que teriam por objetivo restabelecer um estado anorgânico, ou inanimado.<sup>9</sup>

A partir destas considerações, podemos, pois, melhor verificar e corroborar a distinção entre o instinto e a pulsão. Com efeito, para Freud, no início do desenvolvimento do ser humano, as pulsões sexuais se deslocam para diferentes objetos, o que o faz concluir que o objeto não é predeterminado biologicamente, como não o são tampouco as suas modalidades de satisfação devido ao funcionamento das zonas corporais ou erógenas. A pulsão sexual é fragmentada no início, constituída de pulsões parciais, mas, na medida em que se vai desenvolvendo, através de uma complexa evolução, sobrevém uma fixação nas zonas genitais. Existe, de fato, uma energia nas vicissitudes das pulsões sexuais, que é denominada libido, a qual opera um investimento segundo o qual as pulsões podem voltar-se tanto para o ego, quanto para os objetos exteriores. Segundo Freud, as pulsões sexuais são um polo decisivo e fundamental no conflito psíquico, de modo que as pulsões se apresentam como o fator principal do recalçamento no inconsciente. Convém, no entanto, salientar que não são as pulsões enquanto tais que são recalçadas, mas as suas representações.

É curioso notar que, no primeiro quadro teórico das pulsões, o inventor da psicanálise contrapunha – conforme vimos mais acima – as pulsões do eu às pulsões sexuais, pois estas últimas funcionavam seguindo o princípio de prazer e, assim, ameaçavam constantemente as pulsões do eu. Ora, a partir de 1920, Freud procede a uma mudança radical na dinâmica das pulsões, no sentido em que as pulsões sexuais são

---

<sup>9</sup> Cf. FREUD, Sigmund. *Jenseits des Lustprinzips*, *GW*, v. XIII, pp. 38-40.  
*Helleniká – Revista Cultural, Curitiba*, v. 1, n. 1, p. 55-68, jan./dez. 2019

aquelas que tendem a ligar e a unificar cada vez mais as unidades vitais; por isto, elas são chamadas de pulsões de vida.<sup>10</sup> Neste novo quadro teórico, as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação são subsumidas nos conceitos de pulsões de vida e pulsões de morte. Para chegar a essa conclusão, Freud admite que é incorreto falar de uma dominância exclusiva do princípio de prazer, pois se esta predominância realmente existisse, os processos mentais deveriam, eles também, conformar-se ou corresponder pura e simplesmente a uma sensação de prazer. Porém, a experiência do dia-a-dia revela o contrário, pois existe uma espécie de forças que põem em jogo a predominância do princípio de prazer ao apontarem para um prazer mais originário e mais elementar ainda.<sup>11</sup> É justamente a isto que o inventor da psicanálise designa pela expressão de “além do prazer”, à qual poderíamos ajuntar os termos de gozo, deleite e fruição.

É também neste contexto – repita-se – que se encontra a elaboração, ou reelaboração, do universo pulsional que Freud vê habitado, permeado, *animado*, pelas pulsões de vida e as pulsões de morte. As primeiras – conforme já mostramos – são aquelas forças que proporcionam a formação de unidades vitais cada vez mais complexas e globalizantes, enquanto que as pulsões de morte trabalham e pugnam por um retorno do organismo ao inanimado ou ao inorgânico. Todavia, este jogo das pulsões se revela paradoxal, na medida em que elas lutam umas contra as outras e, ao mesmo tempo, cooperam umas com as outras através de um desdobramento infinito de entrelaçamento e imbricação. Esta é a razão pela qual, na obra intitulada *Nietzsche e Freud: Eterno retorno e compulsão à repetição*, Rogério Miranda de Almeida afirma:

Tanto em Nietzsche como em Freud nunca se chega a uma síntese ou *Aufhebung* terminal. Porque o que está à base dessa dinâmica é, na teoria de Freud, o desejo no seu constante significar-se e, em termos nietzschianos, a vontade de potência na sua insaciável expansão e apropriação. Em suma, tanto para Nietzsche como para Freud trata-se do jogo de forças e pulsões nas suas relações, imbricações e superações contínuas.<sup>12</sup>

Assim, não se podem conceber as pulsões de vida sem ao mesmo tempo pensar nas pulsões de morte, pois elas estão radicalmente, essencialmente, ligadas umas às outras através de um conflito e uma tensão que não cessam de terminar e de recomeçar. Trata-se, na verdade, de uma repetição que se desenrola na diferença e na pluralidade, na

---

<sup>10</sup> Cf. *ibid.*, pp. 46-47.

<sup>11</sup> Cf. *ibid.*, p. 15.

<sup>12</sup> ALMEIDA, Rogério Miranda de. *Nietzsche e Freud: Eterno retorno e compulsão à repetição*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 161.

semelhança e na novidade. Em outros termos, é o mesmo que retorna, é o mesmo que se repete, mas dito, significado e simbolizado de outra maneira. Certo, transportada para um plano cósmico, esta repetição terminaria – note-se bem: *terminaria* – desembocando no inorgânico, no inanimado ou, em suma, na morte. É esta a intuição que desenvolveu Freud a partir de *Além do princípio do prazer* e que também já se fizera presente – através de outras perspectivas e mirando outros horizontes – em pensadores tão diferentes quanto Empédocles, Platão, Schopenhauer e Nietzsche. Quando, porém, este processo atinge uma intensidade manifesta, dolorosa e inevitável na vida psíquica do próprio indivíduo, Freud o denomina “compulsão à repetição”. Mas como se dá a relação entre a compulsão à repetição e as pulsões de morte? É o que desenvolveremos a seguir.

### **3. A compulsão à repetição e as pulsões de morte**

De acordo com as descrições que apresentamos na seção anterior, o conceito de pulsões de morte foi explicitamente introduzido por Freud em *Além do princípio de prazer* (1920). Nos escritos ulteriores – especialmente em *Análise terminável e interminável* (1937) – este conceito foi reelaborado, reinterpretado, ampliado e, ao mesmo tempo, aprofundado. Mas em que medida se pode realmente afirmar que as pulsões de morte estão intrinsecamente associadas à compulsão à repetição?

Note-se antes de tudo que, ao analisar as pulsões de morte, Freud procede a uma incursão pelo mundo da biologia, da cosmologia, da filosofia e, finalmente, do mito. Ele próprio afirma que as suas especulações têm como móbil a curiosidade de saber até aonde esta ideia pode levá-lo.<sup>13</sup> Por isso, a descoberta das pulsões de morte teve como base diversos graus de observação e análise. Ela se deu também, e talvez principalmente, através do próprio fenômeno da repetição, que não se reduz a uma satisfação libidinal ou simplesmente dominadora de experiências desagradáveis, fazendo com que esta experiência fosse independente do princípio de prazer. Tal característica levou Freud a supor o caráter regressivo da pulsão, de modo que ele caracterizava a pulsão de morte como sendo a pulsão por excelência.<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> Cf. FREUD, Sigmund. *Além do Princípio de Prazer*. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. XVIII. Rio de Janeiro, RJ: Imago Editora Ltda. 1976, p. 39.

<sup>14</sup> Cf. PULSÕES DE MORTE. In: LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário de Psicanálise*. 4. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001. p. 408.

A experiência analítica também considerou como importantes as noções ambivalentes de agressividade, de sadismo e masoquismo, o que corroborou a tese das pulsões de morte. Ademais, a introdução do conceito de narcisismo – no qual as pulsões se centram sobre a dinâmica da libido, que sai do sujeito para o objeto e do objeto retorna ao sujeito – representou uma dificuldade suplementar para Freud, na medida em que ele incorria no risco de permanecer num *monismo libidinal*. No entanto, o masoquismo primário, uma questão levantada por Freud em 1915, apontou para um conflito fundamental das pulsões. Isto iria mais tarde desembocar naquilo que o próprio Freud denomina o caráter *dualista* das pulsões de vida e de morte. Note-se a teoria dualística das pulsões em Freud é de suma importância para entender o conflito psíquico já existente nesse período.<sup>15</sup>

A questão da compulsão à repetição é o centro de *Além do princípio de prazer*. Freud a investiga de tal maneira que se torna impossível estabelecer uma definição última desse conceito. Ele próprio está num constante vai-e-vem, numa contínua hesitação e até mesmo numa iminente contradição. Pela experiência analítica, Freud já se havia defrontado inúmeras vezes com o fenômeno da repetição. O próprio rito religioso tem para ele o caráter compulsivo de uma realização meticulosa e escrupulosa. Neste sentido, aquilo que foi uma vez recalcado, procura retornar ao presente de uma maneira ou de outra, seja através dos sonhos, de sintomas ou de ações ritualísticas, etc.<sup>16</sup> A experiência analítica se desenrola através da transferência que o analisando faz sobre o analista. Por esta dinâmica, ele também reproduz, de forma indireta, as experiências e os fenômenos recalcados. Em *Além do princípio de prazer*, Freud desenvolve o conceito de compulsão à repetição através de um longo percurso que lhe forneceram as próprias experiências e as leituras hauridas de outros autores. A pergunta principal que se faz o pai da psicanálise é a seguinte: qual é a instância do sujeito que poderia levá-lo a este tipo de satisfação, no qual ele está constantemente lembrando suas experiências penosas e desagradáveis?<sup>17</sup>

O inventor da psicanálise, a partir de suas observações, explora a questão da compulsão à repetição na criança e fornece várias hipóteses. Por exemplo ele percebeu que a criança, supostamente seu neto, repetia em forma de brincadeira alguma

---

<sup>15</sup> Cf. PULSÕES DE VIDA. In: LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário de Psicanálise*. 4. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001, p. 409.

<sup>16</sup> Cf. COMPULSÃO À REPETIÇÃO. In: LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário de Psicanálise*. 4. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001, p. 83.

<sup>17</sup> Cf. COMPULSÃO À REPETIÇÃO. In: LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário de Psicanálise*. 4. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001, p. 84.

experiência desagradável como um modo de dominar ativamente uma impressão ao invés de experimentá-la de modo passivo. No entanto, as crianças também podem repetir suas experiências agradáveis inúmeras vezes, exigindo que a repetição seja idêntica à primeira experiência. A repetição de algo agradável tende a desaparecer futuramente, como a leitura de um livro, que proporcionou um momento de prazer. Mas ele dificilmente terá o mesmo efeito quando repetido. No caso da criança, a repetição de algo prazeroso em nada contradiz o princípio de prazer, o que, segundo Freud, não acontece no caso do adulto. Para Freud, a compulsão à repetição aparece como algo demoníaco, pois atua em oposição ao princípio de prazer.<sup>18</sup>

A partir destas conclusões, Freud apontou para outra característica fundamental das pulsões: elas têm um caráter universal, orgânico, que visa restaurar um estado anterior de coisas, tendendo assim para o inanimado, enquanto que forças exteriores exercem outra tendência para o desenvolvimento. Freud cita o exemplo dos peixes e das aves migratórias que percorrem grandes distâncias para desovarem ou construírem os seus ninhos nos mesmos lugares onde, em eras primordiais, costumavam fazê-lo. Isso pode significar uma aspiração ou uma tentativa de voltar ao mesmo lugar por onde passaram seus ancestrais. Obviamente, Sigmund Freud não está aqui descartando as pulsões de vida, já analisadas nestas reflexões. O que ele está buscando é saber até onde suas especulações podem chegar. A esta altura, ele chega à conclusão de que as *pulsões do eu* se manifestam como auxiliares das pulsões de morte.

O inventor da psicanálise ressalta o sentido das pulsões sexuais, pois ainda existem certos tipos de organismos que continuam em seu estado “humilde”, achando-se vivas atualmente. Isso quer dizer que a pressão interna que obrigou alguns seres evoluírem não agiu sobre outros. Há, com efeito, algumas células germinais que parecem trabalhar contra a morte. Unindo-se e separando-se continuamente, elas retêm para si a estrutura original da matéria viva, em um dado momento, com toda as disposições pulsionais herdadas. Elas são capazes de se separarem do organismo como um todo, tendo assim, uma existência independente. Na medida em que se apresentam condições favoráveis, estas células desempenham a mesma função que lhes permite sobreviver, ou seja, uma parte de sua substância chega a um ponto final, enquanto que outra torna novamente para o início do desenvolvimento. A aparente imortalidade das células germinais,

---

<sup>18</sup> Cf. FREUD, Sigmund. *Além do Princípio de Prazer*. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. XVIII. Rio de Janeiro, RJ: Imago Editora Ltda. 1976, p. 52-53.

segundo Freud, se dá pelo fato de uma fundir-se a outra, em outros termos, são as pulsões sexuais ou pulsões de vida. As pulsões de vida também têm o caráter conservador, mas em sentido diferente, pois, primeiramente, têm a capacidade de se defender dos estímulos exteriores e, conseqüentemente, conservarem a vida.<sup>19</sup>

Neste ponto, podemos notar a íntima relação entre as pulsões de vida e as pulsões de morte. Enquanto que umas se precipitam para atingirem o objetivo final da vida, outras se apresentam em determinada etapa no sentido de efetuarem uma nova saída, prolongando assim a vida.<sup>20</sup> No entanto, ao formular as pulsões de morte, Freud se vê diante de grandes dificuldades e impasses em sua teoria. Aliás, o próprio pai da psicanálise admite que as pulsões de morte estão baseadas em considerações especulativas. Para Laplanche e Pontalis, o valor teórico da noção de pulsões de morte e a sua correlação com uma certa ideia geral de pulsão, pode ter sido o fator importante para que Freud sustentasse tal hipótese. Todavia, o próprio Freud admite que encontrou diversas resistências no meio psicanalítico para fazer valer as suas teorias das pulsões de vida e de morte. O principal problema está em relacionar as pulsões de vida e as pulsões de morte com a esfera da psique ou, mais especificamente, com as instâncias do id, do ego e do superego. Essa dificuldade reside no fato de existir uma intrínseca relação entre uma pulsão e outra, de maneira que ambas não agem de forma isolada, mas misturada.<sup>21</sup>

Com a conceituação das pulsões de morte, obtém-se a ideia das pulsões de destruição ou de agressão como pulsões voltadas para o exterior. Existem também as pulsões de autodestruição, que são pulsões voltadas para o interior. É neste sentido que se pode falar do sadomasoquismo, que são forças que operam de maneira visível na função sexual. O sadismo, após Freud ter elaborado a hipótese das pulsões de morte, passou a ser visto como uma dinâmica de destruição, de dominação, orientada para o exterior. Uma parcela das pulsões desta dinâmica está a serviço da função sexual, nela realizando um importante papel. O masoquismo é parte desta dinâmica que não seguiu o deslocamento para o exterior, permanecendo no organismo e caracterizando-se como o

---

<sup>19</sup> Cf. FREUD, Sigmund. *Além do Princípio de Prazer*. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. XVIII. Rio de Janeiro, RJ: Imago Editora Ltda. 1976, p. 57-58.

<sup>20</sup> Cf. FREUD, Sigmund. *Além do Princípio de Prazer*. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. XVIII. Rio de Janeiro, RJ: Imago Editora Ltda. 1976, p. 58.

<sup>21</sup> Cf. LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário de Psicanálise*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001, art.: Pulsões de morte.

masoquismo originário, erógeno.<sup>22</sup> Podemos supor então que o ato sexual comporta forças de destruição que se lançam para fora, mas que ao mesmo tempo se voltam para o indivíduo. Contudo, o ato sexual também serve às pulsões de vida, pois elas têm o caráter de manter e conservar a espécie.

As pulsões de morte são consideradas por Freud como exercendo um papel preponderante pelo fato de terem um caráter repetitivo, o que aponta para uma tentativa de redução completa das tensões, ou seja, conduzir novamente o ser vivo para ao estado inanimado. Primeiramente, as pulsões de morte tendem para uma autodestruição e, secundariamente, elas se voltam para o exterior sob a forma de pulsões de agressão ou dominação.<sup>23</sup> Como já afirmamos mais acima, tanto as pulsões de vida quanto as pulsões de morte não podem ser entendidas como sendo separadas. Pelo contrário, logo que se pensa em uma, se evoca também a outra, pois, elas não cessam de se incluir, de se separar e, de novo, de se entrelaçar.<sup>24</sup>

No *Mal-estar da civilização* (1930) e, mais especificamente, no capítulo sexto, Freud descreve sua relação com o novo dualismo, isto é, como ele chegou até este ponto e como ele efetuou as transformações sobre as noções de pulsões do ego, pulsões sexuais, libido, sadismo e masoquismo. No início, ou no primeiro quadro teórico das pulsões, Freud evoca que colocava em contraposição as pulsões do ego e as pulsões sexuais. Para explicar a energia das pulsões sexuais, o inventor da psicanálise se utilizou do termo libido. Segundo ele, para se defender das pulsões libidinais, o ego, numa tentativa de autoconservação, busca destruir o objeto exterior, e isto ficou conhecido pelo nome de sadismo. Conforme as investigações progrediam, ele introduziu o conceito de narcisismo que consiste em que o próprio ego se torna objeto das pulsões sexuais, de modo que a libido não somente se desloca para o exterior, mas também para o interior do indivíduo. Freud admite que tal noção em torno das pulsões do ego e da libido contribuiu para o entendimento de muitas neuroses, mas, ao mesmo tempo, ele estava incomodado pelo fato de que as pulsões não deveriam ser todas da mesma espécie.<sup>25</sup>

Por fim, Freud conclui o sexto capítulo de *O mal-estar na civilização* afirmando que a pulsão de agressão constitui o grande impedimento para a civilização, ao passo que Eros é responsável pela combinação de indivíduos isolados, formando depois famílias,

---

<sup>22</sup> Cf. *ibid.*

<sup>23</sup> Cf. *ibid.*

<sup>24</sup> Cf. ALMEIDA, Rogério M. de. *Eros e Tânatos: A vida, a morte, o desejo*. São Paulo: Loyola, 2007, p. 297.

<sup>25</sup> Cf. FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 139-140.

raças, povos e nações numa única unidade, a da humanidade. Contudo, as atividades realizadas para poder manter esta coesão entre os homens ou, mais especificamente, os trabalhos feitos por estes, não é suficiente, pois existe a pulsão de morte agindo através da agressividade. No final das contas, a civilização manifesta a luta, ou o conflito, entre Eros e Tânatos, entre as pulsões de vida e as pulsões de morte. Pois não existe cultura, não existe civilização, sem renúncia pulsional.<sup>26</sup>

## Conclusão

Vemos assim que, em Freud, este conflito primordial que se desenrola no seio da própria natureza entre as pulsões de vida e as pulsões de morte se exprime também nos próprios indivíduos, nas próprias relações intersubjetivas e, conseqüentemente, na própria formação da cultura. Sabe-se que, apesar da resistência de Freud com relação à filosofia, ele frequentemente recorre a alguns nomes de filósofos – Empédocles, Platão, Kant, Schopenhauer, Nietzsche – e também à mitologia para corroborar suas especulações. É o que podemos observar, por exemplo, quando ele analisa as pulsões de vida e as pulsões de morte. Isso quer dizer que o pensamento de Freud, suas intuições e suas descobertas não podem prescindir da filosofia. É bem verdade que a sua formação intelectual foi essencialmente médica; é verdade também que o seu método de investigação é fundamentalmente empírico, no entanto, Freud, não deixa de apresentar uma preocupação com os enigmas da existência e com a origem do homem, questões essas que nos levam para as origens da filosofia na Grécia.<sup>27</sup>

Efetivamente, não é raro Freud remeter-nos aos filósofos reconhecendo a prioridade destes em algumas de suas descobertas. Citem-se como exemplos Empédocles e Schopenhauer. De fato, no que concerne às pulsões de vida e de morte, o pai da psicanálise afirma que essa ideia já se encontrava no pensamento de Empédocles sob a forma de *Philia* e *Neikos*. A diferença, porém, conforme acentua o próprio Freud, é que o filósofo se movia num plano cósmico e mitológico, enquanto que ele próprio extraiu as suas descobertas da própria observação analítica e também da esfera da biologia.<sup>28</sup>

---

<sup>26</sup> Cf. FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. XXI. Rio de Janeiro, RJ: Imago Editora Ltda. 1974. p. 142-145.

<sup>27</sup> Cf. CAPARRÓS, Antônio. *El pensamiento antropológico de S. Freud*. In: *Antropologías del Siglo XX*. dir. por Juan de Sahagun Lucas, Salamanca, ES. 1976, p. 38-57.

<sup>28</sup> Cf. ALMEIDA, Rogério M. de. *Eros e Tânatos: A vida, a morte, o desejo*. São Paulo: Loyola, 2007, p. 94.

Isso faz, portanto, ressaltar a importância do pensamento psicanalítico em várias esferas do conhecimento, como a filosofia, a antropologia, a epistemologia e outras áreas do saber.

## Referências

ALMEIDA, Rogério Miranda de. *Eros e Tânatos: A vida, a morte, o desejo*. São Paulo: Loyola, 2007.

\_\_\_\_\_. *Nietzsche e Freud: Eterno retorno e compulsão à repetição*. São Paulo: Loyola, 2005.

CAPARRÓS, Antônio. *El pensamiento antropológico de S. Freud*. In: *Antropologias del Siglo XX*. dir. por Juan de Sahagun Lucas, Salamanca: Sigueme, 1976.

FREUD, Sigmund. *Triebe und Triebchicksale*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch, 2012.

LAPLANCHE, Jean/PONTALIS, J.-B. *Vocabulaire de la psychanalyse*. Paris: PUF, 1988.